



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

É com imenso prazer que trazemos a lume o v. 2, n. 2, 2016, de *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*. Ele contém quatro ensaios de autores estrangeiros, sendo um deles em francês (Calvet), outro em inglês (Nash) e dois outros traduzidos para o português (Mey, Makkai). Os outros três são de ecolinguistas brasileiros, sendo um de cunho epistemológico mais amplo (Couto), outro apresentando a “fonologia ecossistêmica” (Lima Jr.) e o terceiro discutindo a questão da interação a propósito de um jogo eletrônico (Silva). A abrangência dos temas testemunha pela enésima vez a multidisciplinaridade da variedade de ecolinguística chamada linguística ecossistêmica.

O artigo que abre o volume é do conhecido especialista em pragmática e estudioso de ecolinguística Jacob L. Mey, “Sequencialidade: por uma ecologia do texto”, editor da revista *Pragmatics*. Ele traz uma novidade nos estudos ecolinguísticos, isto é, a ideia de uma “ecologia do texto”. Mey enfatiza que todo texto deve ser visto em um contexto específico, e não ser encarado como um ajuntamento estático de traços, mas como um “conglomerado de condições em constante evolução e transformação”. Daí a proposta da “sequencialidade” espaço-temporal. Um texto fora do contexto seria ininteligível. Na opinião de Mey, sua proposta evita “a interpretação mecanística da conversação”, que vem sendo praticada pela análise da conversação.

ECO-REBEL

O segundo artigo, “Quels fondements pour une écologie des langues” (Quais são os fundamentos para uma ecologia das línguas?), de Louis-Jean Calvet, é interessante por vários motivos. Primeiro, Calvet é autor de um dos primeiros livros de cunho ecolinguístico (*Pour une écologie des langues du monde*, 1990). Segundo, ele está redigido em francês, não em inglês, como é mais comum no caso de textos que não estejam em português. Segundo, por apresentar uma proposta *sui generis* para a ecologia das línguas, partindo de ideias de Darwin e da teoria do caos. Segundo Calvet, a ecologia das línguas do mundo se articula no que chama de “modelo gravitacional”, com o inglês como língua “hiper-central”, em torno da qual gravitam línguas “super-centrais” (francês, espanhol, árabe, chinês etc.). Em torno do francês, por exemplo, gravitam “línguas centrais”, como o bretão, o alsaciano, o bambará etc. Em torno de uma língua “central” como o bambará, gravitam línguas “periféricas”, como o tamasheq, o peul, o songhay, o dogon etc. Esse conhecido linguista francês é também um dos primeiros a publicar um livro de natureza ecolinguística, como o que está mencionado acima.

O terceiro artigo, “Is ecolinguistics necessary?” (A ecolinguística é necessária?), tenta justificar a necessidade de uma disciplina chamada ‘ecolinguística’. Após apresentar e discutir diversos argumentos que aparentemente mostrariam que ela seria desnecessária, o autor conclui que ela é necessária sim, pois representa uma nova maneira de olhar para os fenômenos da linguagem.

O quarto artigo, “Da gramática pragmo-ecológica à ecolinguística (1973-1993)”, é de Adam Makkai. Como tal, ele não existe em nenhum outro lugar. Às vezes, trata-se apenas de parágrafos aforismáticos, porém cheios de ensinamento para os ecolinguistas. Afinal, juntamente com Alwin Fill, ele é um dos que deram continuidade à proposta seminal de Einar Haugen. Ele publicou um livro com a palavra “ecolinguistics” no título no mesmo ano em que Alwin Fill publicou sua conhecida introdução à disciplina, 1993.

O artigo “Comunidade de fala revisitada”, de Hildo Honório do Couto, retoma, como o título já sugere, o conceito de “comunidade de fala” por oposição ao de “comunidade de língua”, tomando como exemplo a comunidade rural de uma fazenda do município de Patos de Minas (MG). Além de “comunidade de fala simples/complexa” e “comunidade de fala máxima/mínima”, já conhecidas, são introduzidas as “comunidades de fala

compacta/difusa”. Enfim, vários conceitos da linguística ecossistêmica são retomados, além de introduzir o “ecossistema cultural”, o “mapa mental”, a “descomunhão” e os “padrões de interação comunicativa (PIC)”. Propõe ainda uma classificação linguístico-ecossistêmica das variedades do português brasileiro em “dialetos rurais, dialeto urbano, dialeto estatal”.

O ensaio de Ronaldo Manguiera Lima Júnior, “Fonologia ecossistêmica”, representa uma grande inovação na linguística ecossistêmica, por mostrar que essa versão da ecolinguística consegue ser efetivamente holística, apresentando um arcabouço epistemológico que permite estudar não apenas a exoecologia linguística, mas também a endoecologia linguística. O autor visa a mostrar “que descrições e análises fonológicas sob uma perspectiva ecossistêmica pressupõem a indissociabilidade entre a fonética e a fonologia, e que em uma teoria fonológica ecossistêmica a unidade mínima de análise deve ser o gesto articulatório, e não o fonema”. Diz ainda que as principais características dos sistemas complexos e dinâmicos compreendem “o fato de serem holísticos, complexos, emergentes, fractais em forma, interacionais, dinâmicos, não-lineares, auto-organizadores, por vezes caóticos, e sensíveis a estados de atração e ao estado inicial”. Por fim, o autor argumenta que já existem modelos fonético-fonológicos que vão na direção da visão ecossistêmica, tais como “Fonologia Articulatória, Fonologia Acústico-Articulatória, Teoria de Exemplares, Fonologia de Uso, Modelos Multirrepresentacionais, Modelo de Aprendizagem da Fala, Teoria do Ímã da Língua Materna, Modelo de Assimilação Perceptual”, compondo o que se chama de “Fonologia Laboratorial”. Tudo isso “está em consonância com o que poderia ser denominado uma Fonologia Ecossistêmica”. Trata-se da primeira proposta de se estudar fonologia da perspectiva ecolinguística, ou melhor, da da linguística ecossistêmica.

O artigo de Anderson Nowogrodzki da Silva, “A visão ecológica de mundo aplicada ao jogo eletrônico *Don't starve together*”, discute “uma nova forma de se olhar para o ecossistema linguístico em sua diversidade de plataformas”, ampliando os achados da análise do discurso ecológica (ADE). O autor analisa um caso de interação comunicativa que não é face a face, mas virtual, tendo por pano de fundo a visão ecológica de mundo (VEM).

Este número de ECO-REBEL contém ainda duas resenhas. A primeira é de *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos*

ECO-REBEL

e contemporâneos, primeira coletânea de textos ecolinguísticos publicada em português, resenhada por Maria Cecília de Magalhães Mollica & Daillane Avelar. O livro contém os clássicos da ecolinguística e mais de uma dúzia de textos fundadores da disciplina, além de ensaios de aplicação a casos concretos.

A segunda resenha é da coletânea *Ecolinguística, ecolinguísticas*, organizada por Cecília Mollica e Celso Ferrarezi Júnior. A razão de publicarmos esta resenha em nossa revista de ecolinguística é que a proposta da coletânea é de dialogar com áreas afins, e não ficar confinada ao que tradicionalmente se vinha chamando de “sociolinguística”, donde o “sociolinguísticas” do título. Além de um capítulo dedicado exclusivamente à “Ecolinguística”, a maior parte dos demais capítulos apresenta ideias muito próximas dela, como os seguintes, entre outros: “Dialetologia”, “Sociofuncionalismo”, “Croulística”, “A sociolinguística e os estudos de interação”, “Paradigma das redes sociais nos estudos sociolinguísticos” e “Pragmática”.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 2, n. 2, 2016.